

LINGUAGEM, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: MUDANÇA DE PARADIGMA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Elaine Martins dos Santos Silva (PPGL-UNIFRAN)¹

Carlos Eduardo da Silva Ferreira (Unesp)²

Renata Chrystina Bianchi de Barros (GELS-UFU)³

Resumo: Este artigo apresenta um trabalho realizado no ano de 2020 que teve por objetivo refletir sobre a relação entre linguagem e tecnologia. Ele tem sua gênese no interior da disciplina “Linguagem, Tecnologia e Práticas Sociais”, da Pós-graduação em Linguística da Universidade de Franca (Unifran), na qual se pôde discutir a tecnologia para além da sua tomada como recurso tecnológico. Ao final desta disciplina, foi pedido para que os estudantes-pesquisadores elaborassem um produto final que estivesse alinhado às discussões ali debatidas e configurado como uma tecnologia. Apresentaremos neste artigo um dos trabalhos desenvolvidos por um aluno que optou pela elaboração de um *Podcast*. Do modo como compreendemos, o *Podcast* elaborado pelo aluno resultou como lugar de produção de conhecimento, conseguindo articular debates sobre conteúdos propostos bem como sobre formas em que os conteúdos são elaborados, colocando em cena a superação do paradigma tecnicista da relação linguagem, tecnologia e ensino a partir de fundamentos discursivos. Desse modo, a produção de um *Podcast* como resultado final de uma disciplina mostrou-se produtivo e aliado dos processos de ensino e de aprendizagem.

Palavras-chave: Linguagem; Tecnologia; Recurso Educacional

1. Introdução

Em meio à diversidade de gêneros discursivos (expressividades textuais) produzidos e sustentados em ambientes digitais, podemos observar que, nos últimos anos, o trabalho pedagógico tem se preocupado bastante com a necessidade de operar atividades com “formas alternativas” de se construir e interpretar textos que se integram às mídias tecnológicas ou a outros suportes que serviriam como meios de veiculação de informações.

Como forma atualizada e adequada às propostas vinculadas aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na Educação Básica, e aos documentos orientadores e reguladores da Pós-graduação pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), podemos compreender que a necessidade de se valorizar a presença da diversidade de gêneros textuais, no contexto de ensino, alinhados às mídias eletrônicas ou tecnológicas, tem sido difundida nas vivências escolares com a finalidade de oportunizar inserção de sujeitos-alunos no discurso escolar. Nesta esteira, o lugar social do professor é marcado como sujeito que perpassa um longo processo preparatório de apropriação identitária na cadeia educacional, ou seja, é esperado da profissão professor, mais que de outras, uma intensa reatualização e domínio de meios que o ajudem a

¹ Mestranda em Linguística pela Universidade de Franca. Especialização em Bases Psicomotoras de Aprendizagem e seus Distúrbios pela Unieducar-CE. Graduação em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de Franca. Contato: elainemartins77@hotmail.com.

² Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara. Contato: karloseduardoo@yahoo.com.br.

³ Doutora em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas - IEL-UNICAMP. Pós-doutora em Saber Urbano e Linguagem pelo Laboratório de Estudos Urbanos da UNICAMP. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Estudo Linguagem e Subjetividade da Universidade Federal de Uberlândia. Contato: renatabiabarros@gmail.com

proporcionar mediação aos estudantes. Atualmente, esta atualização insere definitivamente o domínio de recursos tecnológicos eletrônicos/digitais seja para a prática da sua profissão, a docência, seja para o acesso à continuidade da sua própria formação.

Entretanto, deve ser dito, a inter-relação entre linguagem, tecnologia e educação é tema de interesse e de exame em distintos enfoques e a partir de múltiplas perspectivas. O esmero na exploração sobre as formas e os modos de funcionamento da aula com/pelos recursos tecnológicos e digitais apontou para a necessidade de se compreender as “novas” tecnologias como práticas de linguagem que ganham importância no contexto de ensino-aprendizagem (ROSADO & FERREIRA, 2015; BARROS, 2019), despertando interesse na atividade da linguagem enquanto lugar de construção de sentidos em materialidades específicas do espaço digital, ao contrário do que antes se afirmava sobre a simples aplicabilidade de recursos tecnológicos no âmbito educacional.

No entanto, nomear apenas como “novas” ou “velhas” tecnologias no âmbito educacional não é suficiente para refletirmos sobre como os mecanismos de produção de sentidos são tomados para pensar as práticas de linguagem. O que queremos destacar são os paradigmas que circundam o trabalho que os sujeitos exercem com/pela linguagem. De um lado, as tecnologias têm sido entendidas como ferramentas externas e utilitárias que servem para que os sujeitos se expressem e, de outro, a noção de tecnologia é compreendida como parte integrante e do funcionamento dos sujeitos na sociedade do século XXI.

Para que possamos estabelecer maior debate sobre os paradigmas que circundam as tecnologias nas práticas de ensino e aprendizagem, apresentamos um trabalho - [*Podcast Linguagem e Tecnologia: suspensão das evidências dos instrumentos.*](#) - produzido no ano de 2020, sob o paradigma discursivo e dialógico, resultado de reflexão sobre a articulação entre linguagem e tecnologia e, também, sobre o processo de produção de conhecimento na sala de aula de ensino superior no/pelo qual se pôde discutir a tecnologia para além da sua tomada como recurso tecnológico a ser aplicado na prática de ensino.

2. Em busca da superação do paradigma tecnicista sobre linguagem e tecnologia

Seja pelas exigências impostas pelos documentos reguladores da educação de nível básico ou superior, seja pelas atuais formas de o sujeito se relacionar com o mundo, os profissionais da educação em práticas de ensino obrigatório, ou não, têm sido demandados para o uso de tecnologias digitais como elemento de grande importância no seu dia a dia.

O ensino e a aprendizagem mediados por computador tem produzido uma mexida com as formas de praticar a docência, e com os modos como os alunos, aprendentes, se relacionam com o conhecimento. Dizemos, com isso, que a entrada das tecnologias eletrônicas e digitais nas práticas de ensino e aprendizagem produziram um conjunto significativo de mudanças não apenas pela inserção de diferentes suportes materiais às metodologias, mas, e especialmente, nos paradigmas que dão sustentação aos processos. No entanto, a preocupação com a aplicabilidade dos recursos tecnológicos e digitais como recursos didáticos tem se sobreposto à necessidade de se ponderar os fundamentos e os processos relacionais que favorecem ou que dificultam o objetivo fim da prática de ensino: a compreensão e a produção de conhecimento pelo aluno.

Assim como afirma Neil Selwyn (2017), há urgência na suspensão das certezas sobre os benefícios das tecnologias, exigindo que pesquisas sejam realizadas para se evitar a reprodução de rápidas e superficiais conclusões a respeito da educação/ensino mediados por tecnologias eletrônicas e digitais. Isto, especialmente, para se evitar pesquisas que se baseiam nas certezas absolutas advindas das promessas de *big data* como se o crescente uso de "novas" tecnologias fosse sinônimo de melhoria na qualidade da educação. O autor mostra, com sua pesquisa, a urgente necessidade de se questionar a neutralidade das tecnologias e de se pensar

nos modos como o mercado e a economia promovem pautas e direcionam os modos de funcionamento social também pela disponibilização de "novas" tecnologias. Igualmente, aponta para a importância de se considerar a possibilidade de que o incremento das tecnologias eletrônicas e digitais não estejam conduzindo à aprendizagem ou a outros ganhos educacionais, uma vez que a discursividade que enreda as apresentações sobre os modos como a tecnologia tem empenhado contribuições ao ensino e à aprendizagem superam os questionamentos sobre isso como um fato.

É importante ressaltar, e concordamos com Selwyn (idem) também nesta afirmação, que o fato de colocar perguntas sobre o funcionamento do ensino e da aprendizagem mediados por tecnologias eletrônicas e digitais não significa ser contra à sua implementação. Colocar perguntas, ao contrário, pode contribuir com a elaboração de formas para que as práticas na educação não sejam absorvidas pelos processos mercadológicos, como tem ocorrido em situações como na oferta de MOOC (*Massive Open On-line Course*), apropriados por grandes empresas de escolarização, reduzindo as possibilidades de ensino e aprendizagem à execução de vídeos e de cliques que privilegiam os produtos aos processos.

De nossa posição, afirmamos que a relação entre educação e tecnologia deve, necessariamente, passar pelos questionamentos advindos das relações entre linguagem e tecnologia permitindo desconstruir discursos advindos do tecnocentrismo, ou seja, a fim de superar a absolutização do poder tecnológico (VIEIRA PINTO, 2005) eletrônico e digital sobre as possibilidades das relações humanas, mediadas ou não por recursos tecnológicos, e para que as lacunas provocadas pela sinonimização, neste paradigma tecnicista, de tecnologia como técnica, possam ser superadas.

Num outro pólo de compreensão está o paradigma discursivo dialógico que, a partir de uma abordagem teórica discursiva dialógica, a linguagem passa a ser compreendida como tecnologia por ser composta por processos de significação que se sustentam, como materialidade, na língua, e em processos que são próprios à relação dos sujeitos com o mundo.

Visto que a relação dos sujeitos com a linguagem vai se alterando e as novas formas de organização social vão se configurando, como pelas atuais formas de apresentação das tecnologias eletrônicas e digitais, os processos de significação, ou seja, de produção de sentidos vão se transformando com as novas formas do sujeito se relacionar com o mundo. Em relação ao ensino, esse fundamento produz uma mudança no modo como o professor lida/pode lidar com o aluno e com suas expectativas a respeito dos processos de avaliação a serem praticados ao longo e ao final de uma disciplina.

Da perspectiva do paradigma discursivo dialógico, o funcionamento da aula e das práticas de avaliação se coloca na relação com universo de estudos que não apenas levam a linguagem em consideração, mas a tomam como centro de suas reflexões. Desta perspectiva, da qual elaboramos o trabalho que ora apresentamos, os processos implicados no funcionamento da tecnologia voltadas à educação devem considerar e serem voltados aos modos de determinação das práticas cotidianas de professores e alunos, e possibilitar transformação que atinja a ordem da constituição dos sujeitos. Nesse ínterim, trabalhamos em direção a apontar como a mudança de um paradigma educacional que considera que o conhecimento deve ser quantificado, para um paradigma que compreende que o conhecimento pode se produzir ao longo de todo o percurso de ensino, inclusive nas práticas de avaliação, produz lugar para que o aluno se afirme como autor num circuito de apropriação do dizer.

3 - Construindo um *Podcast* como prática de suspensão das evidências

Por compreendermos que o espaço da sala de aula não é limitado à apreensão de conteúdos oferecidos pelo professor ao aluno, mas sim como espaço de construção de conhecimento pelo qual os sujeitos envolvidos podem transformar a sua relação com as coisas

e com o mundo, queremos dividir com nossos pares uma importante experiência na qual vivenciamos a construção conjunta de conceitos a respeito do tema trabalhado na disciplina "Linguagem, tecnologia e práticas sociais".

Na disciplina em questão, cujo objetivo era oferecer aos participantes ferramentas e procedimentos que permitiriam certa compreensão dos processos afetados pela relação entre linguagem, conhecimento e tecnologia, os conceitos a respeito dos elementos constantes na ementa não foram apresentados como prontos e definitivos. As leituras que compunham o plano geral da disciplina foram trabalhadas para serem disparadoras de debate. Os participantes, alunos-pesquisadores dos cursos de mestrado e doutorado em linguística da Universidade de Franca, foram convidados a elaborarem um material final por meio do qual eles poderiam apresentar uma compreensão fosse sobre o processo vivenciado por ele nesta disciplina, fosse sobre um recorte da sua pesquisa que pudesse ser articulado ao tema central, ou seja, que pudesse articular um fragmento da sua pesquisa às questões de tecnologia. A partir disso, diferentes materiais foram produzidos. Alguns se reuniram na criação de um debate filmado entre os participantes, outros optaram pela produção de artigos científicos, e outros preferiram produzir *podcast* em diferentes formatos. Neste presente trabalho apresentamos e refletimos sobre um dos *podcasts* criados, especialmente porque compreendemos que ao fazermos essa apresentação encontramos condição para defender nossa posição em afirmar que a prática de ensino sob o paradigma discursivo dialógico coloca a produção de conhecimento pelo aluno em jogo.

Numa disciplina elaborada para ocorrer presencialmente mas, com a necessidade de reformular os modos de exercer o ensino devido ao advento da situação pandêmica que afeta os modos de praticar a universidade no ano de 2020, a produção do *podcast* foi guia para a reflexão sobre a própria experiência nas relações constantes entre professores, colegas de turma e o exercício da docência e da discência, e também para se pensar as relações entre forma e conteúdo, sobre aplicabilidade da prática e para o debate sobre a relação entre Linguagem e Tecnologia. Realizado a distância com encontros virtuais via aplicativo de mensagens, sua elaboração se deu por meio da realização de uma entrevista na qual a discussão central se encontrava na superação da tecnologia enquanto técnica e a suspensão das evidências do tecnocentrismo. Nesse fazer foram disparadas questões que, uma vez respondidas, poderiam apontar direções pelas quais os sujeitos poderiam compreender os modos como a linguagem e a tecnologia se vinculam fortemente com as práticas educacionais, a exemplo das questões das provas do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), possibilitando criar/elaborar modos de dizer em um espaço de contexto/prova em que a tecnologia possibilita e favorece uma abordagem mais dinâmica e prática .

Foi primordial, nesse processo de reflexão e elaboração também do que compreendemos como um recurso educacional, pensar sobre os modos como as tecnologias eletrônicas e digitais afetam a disponibilidade à leitura a depender dos recursos escolhidos para que determinado material circule. No entanto, escolher um recurso que pudesse facilitar a circulação e o acesso de diferentes pessoas a ele não seria garantia de que o material produzido pudesse ser aproveitado para os fins aos quais ele foi construído. O *podcast*, que poderia ser acessado via computadores e celulares com rede de *internet*, deveria proporcionar um momento de provocação para que o ouvinte, de modo que ele também pudesse, a partir do conteúdo oferecido, elaborar uma reflexão estabelecida a partir do seu lugar social. É desse modo que um saber tecnológico nos mostrou, de alguma forma, que não só é preciso aprender a usar essas ferramentas, mas considerar como elas, e com elas, podemos produzir discursividades que favoreçam a apropriação de um dizer a partir do qual se pode elaborar uma existência como sujeito no mundo.

Do modo como compreendemos, o *Podcast* elaborado pelo aluno resultou como lugar de produção de conhecimento, conseguindo articular debates sobre conteúdos propostos bem

como sobre formas em que os conteúdos são elaborados, colocando em cena a superação do paradigma tecnicista da relação linguagem, tecnologia e ensino a partir de fundamentos discursivos.

Desse modo, a produção de um *Podcast* como resultado final de uma disciplina mostrou-se produtivo e aliado dos processos de ensino e de aprendizagem. Com esta experiência, foi possível adentrarmos no campo discursivo dessas relações e compreender como os sujeitos estabelecem uma rede dialógica de interações e como essas trocas permitem identificações com o que está às voltas com a vida social.

4 - Considerações finais

Este nosso texto caminhou no sentido de registrar e apontar como a perspectiva de um paradigma discursivo (dialógico) pôde funcionar na esfera escolar-acadêmica voltada às práticas de avaliação. A compreensão sobre linguagem enquanto atividade proporcionou-nos considerar a linguagem no centro de nossas reflexões, colocando o aluno num duplo funcionamento no qual ele precisaria dimensionar igualmente o tema geral da disciplina, e os mecanismos e ferramentas sobre os quais foram debatidos em sala de aula. Nesta questão, tomamos a epilinguagem e a metalinguagem como movimentos estruturantes da prática pedagógica que ensinam sobre a contínua apropriação das atividades com/pela linguagem, condição integrante deste processo.

Temos entendido que a linguagem nunca se constitui fora das relações e é, pois, na atividade do sujeito com os outros, sobre os outros e com o mundo que ela se constitui. As condições de produção de textos, em consequência, assumem papel relevante na sua constituição. Pode-se assim pensar ao mesmo tempo a ação do sujeito na linguagem e a ação da linguagem no sujeito. A linguagem se constituindo no sujeito e sendo constituída pelo sujeito abre a perspectiva de pensar o sujeito na/da linguagem. Compreender linguagem, nesta perspectiva, é compreender que ela é uma atividade constitutiva das interações. Nesta perspectiva, os sistemas linguísticos nunca estão prontos e acabados, mas vão se construindo na história (FERREIRA, 2019).

Longe de ser a língua um código, e longe de tecnologia ser entendida reduzidamente como técnica, a relação entre linguagem e tecnologia se faz, aqui, no objetivo de compreendermos que as expressividades se dão em espaços de interação.

A tecnologia é um processo sócio que aponta para formas de relação social. Desse modo, considerando que conhecimento e tecnologia estão interligados pela linguagem, nossos esforços se deram no sentido de compreendermos o modo como essa relação produz efeitos de sentido na vida do sujeito, na sua constituição e circulação do conhecimento. Se conhecimento e tecnologia estão interligados, sujeito e conhecimento também estão. Com isso, formamos um triplo indissociável: sujeito, conhecimento e tecnologia, buscando mostrar como o sentido do conhecimento de si e do mundo é inseparável do sentido da tecnologia

Pensando sobre a instituição escolar-acadêmica, os sistemas de ensino têm, em seus exercícios formativos, um espaço privilegiado de oportunizar sensibilizações sobre os processos de produção de textos e sentidos. Neste artigo, destacamos como a tecnologia pode ser entendida como uma aliada no espaço de produção dos estudantes, colocando em cena uma visão que os considera como agentes de seu processo educacional. É importante ressaltar também que, para que este viés se realize, é necessária uma quebra de uma manutenção de relações hierárquicas do saber que coloquem o professor como o único detentor de melhores saberes e os estudantes como aqueles que pouco sabem sobre produção de textos. É importante compreendermos que a diferença entre estes sujeitos está no grau da apropriação e não tão evidente na posição hierárquica.

A avaliação, nesta perspectiva, também salta de um simples espaço de verificação métrica e propõe ao sujeito-estudante o desafio de lidar consigo mesmo enquanto sujeito de linguagem.

Referências

BARROS, Renata Chrystina Bianchi de. Tecnologia e Educação: possibilidade de produção do conhecimento. **REaD-Revista de Educação a Distância**, v. 1, n. 1, p. 1-6, 2019.

FERREIRA, Carlos Eduardo da Silva. **A questão de matemática: uma análise dialógica de provas do Enem (1998-2018)**. Tese de doutorado. Unesp-Araraquara, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/183218>>. Acesso em 14 jul. 2020.

ROSADO, Luiz Alexandre da Silva; FERREIRA, Giselle Martins dos Santos. (Orgs.). Educação e tecnologia: parcerias. vol. 4 [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Editora Universidade Estácio de Sá, 2015. Disponível em: <<https://ticpe.files.wordpress.com/2015/11/e-book-educac3a7c3a3o-e-tecnologia-parcerias-vol-4-2015-versc3a3o-final.pdf>>. Acesso em 15 jul. 2020.

SELWYN, Neil. Educação e tecnologia: questões críticas. In: FERREIRA, Giselle Martins dos Santos; ROSADO, Luiz Alexandre da Silva; CARVALHO, Jaciara de Sá. Rio de Janeiro: SESES, 2017. p. 85-103. Disponível em: <https://ticpe.files.wordpress.com/2017/04/ebook-ticpe-2017.pdf>

SILVA, Elaine Martins dos Santos; BARROS, Renata Chrystina Bianchi de Barros. **Linguagem e tecnologia: suspensão das evidências dos instrumentos**. [livro eletrônico, ISBN 978-65-00-05073-8]. Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNIFRAN. Campinas, SP: Ed. dos Autores, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1va22BwFqJ3CIK7bbohvlFNh0eFM7aWvQ/view?usp=sharing>

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de tecnologia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.